

Novas dinâmicas no espaço-tempo da comunicação: conflitos identitários.

New dynamics in space-time of communication: conflicts of identity.

DENISE AZEVEDO DUARTE GUIMARÃES

Professora Aposentada (UFPR). Doutora em Estudos Literários pela UFPR. Integra atualmente o PPGCOM/UTP, onde atua como docente, orientadora, pesquisadora e vice-coordenadora do Mestrado em Comunicação e Linguagens.

Resumo

Este artigo focaliza a abolição do espaço-tempo convencional, em favor da simultaneidade, no que tange à influência das novas tecnologias móveis. Verificam-se as formas como elas afetam uma percepção individual do próprio sujeito em relação aos outros, transformando sentimentos de pertencimento e identidades culturais. Investiga-se também como estes novos padrões de comunicação modificam a mídia contemporânea, e, até mesmo, as relações sociais e familiares. Palavras-chave: mobilidade, padrões de comunicação, espaço-tempo, identidades.

INTRODUÇÃO

No momento em que o espaços dos fluxos atuais sobrepõem-se aos espaços dos lugares, esta ausência de fronteiras altera profundamente o sentido da trocas simbólicas; vindo acentuar, a cada dia, o sentido da volatilidade, uma vez que imagens sintéticas interagem e comutam-se instantaneamente na cena contemporânea. Principalmente depois do padrão USB - *universal serial bus* - o transporte de dados foi radicalmente reformulado. Em decorrência da imaterialidade da relação fluxo *versus* suporte, nos multimeios, o conceito da evanescência das imagens passa a vincular-se aos processos comunicacionais em si. Diríamos que, contrariando a conhecida assertiva de Marshal McLuhan (1972), em nossos dias o meio já não é mais a mensagem, o que existe é apenas o trânsito de informações entre os suportes e as interfaces.

Assim é que, quando voltamos um olhar crítico sobre certas nuances do nosso cotidiano, delinea-se a desconfortável sensação de que

estamos sendo confrontados com algo verdadeiramente inefável, por força da reorganização das interações no âmbito do inteligível e do sensível. Mesmo sem desconsiderar os paradoxos e/ou as inumeráveis vantagens das conquistas tecnológicas, imprescindíveis à comunicação e à organização da vida hodierna, o lado negativo das múltiplas possibilidades de manipulação e de intervenção nas mensagens midiáticas poderia ser associado, portanto, ao tema da evanescência, tão fortemente impregnado na vida e na arte de nosso tempo.

Como corolário, conflitos identitários podem ser percebidos, tanto nas práticas sociais, quanto nas afetivas - o que interessa particularmente a este estudo, onde pretendemos nos debruçar sobre o papel da mídia contemporânea, no sentido abrangente do termo, em seus inumeráveis e complexos processos interacionais. Almejamos também efetuar reflexões sobre suas expectativas e usos concretos, bem como sobre suas restrições/limites e imposições, cujos impactos reconfiguram os mecanismos de articulação de sentidos na sociedade atual.

As mídias como configuradoras das interações simbólicas

Inegável é que a velocidade e a profundidade das transformações tecnológicas e sociais causaram uma ruptura entre passado e presente. Vivendo num mundo completamente diferente, é difícil para as gerações mais jovens compreender a essência dos acontecimentos anteriores; enquanto os mais velhos sentem-se desconfortáveis neste informatizado mundo novo, e, como assinala LEMOS, 2006, p. 282, “A sensação é de uma desterritorialização generalizada. Surgem claramente problemas com os limites (corpo, Estado, identidade) estabelecidos na era moderna.”

O fenómeno já foi discutido por Anthony Giddens, em 1990, sob a perspectiva do desencaixe:

Que me seja permitido agora considerar o desencaixe dos sistemas sociais. Por desencaixe me refiro ao “deslocamento” das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço (GIDDENS, 1991, p. 29).

Em sintonia com o pensamento do referido autor, dentre outras visões correntes sobre a cibercultura, muitas vezes contraditórias entre si, Lemos, por exemplo, acredita que o processo acentua-se hoje: “Estão em marcha processos de desencaixe e de compressão espaço-tempo na cibercultura.” (LEMOS, 2006, p. 282). Principalmente tendo-se em conta as desterritorializações e reterritorializações como processos interligados, o autor considera que esta dinâmica não pode ser encarada de forma determinista, uma vez que,

O importante é frisar que as tecnologias da cibercultura,

principalmente as móveis, podem criar processos desterritorializantes, mas esses não estão garantidos pelo simples uso dos artefatos. Mais uma vez encontramos aqui o problema do determinismo tecnológico, já que o uso do dispositivo não garante processos desterritorializantes ou nômades e podem mesmo reforçar poderes constituídos e territorializados. (id. p. 287).

Percebemos que se instaurou um eterno presente, qualquer vínculo orgânico com o passado tornou-se uma espécie de ficção e o futuro está repleto de incertezas. Para José Luiz Braga, “nos processos reiterados entre as lógicas estruturais do avanço tecnológico versus expectativas e usos concretos da sociedade, ocorre também uma dialética de limitações e imposições mútuas.” (BRAGA, 2007, p. 146).

Podemos constatar portanto, o efetivo redimensionamento não só dos pilares infra-estruturais da comunicação, mas também dos fundamentos da socialidade, tanto no nível micro quanto no nível macro.

Segundo MACHADO 1997, p. 80, “as mídias deram continuidade ao projeto histórico do livro, redirecionando-o em razão das novas necessidades do homem contemporâneo.” As conseqüências são apontadas, uma década após, por Braga:

Os processos diferidos e difusos crescentes são marca especial da mediatização. [...] com a mediatização, a processualidade diferida e difusa adquiriu diferente amplitude e diversas qualidades adicionais. Uma delas é a de “mostrar”, por representação da imagem e/ou do som, os objetos e situações. [...] Através de retomadas sucessivas e de reobjetivações,

o que “faz a mídia” é uma questão social e gera processos que dizem respeito a nossos modos de ser, passando a fazer, nuclearmente, parte da sociedade, quer sejam positivos ou negativos.” (BRAGA, 2006, p. 151).

Levando em consideração os autores citados, dentre inúmeros outros que tratam do tema, diante da parafernália eletro-eletrônica que nos cerca e da qual nos tornamos dependentes, somos levados a indagar de que forma seria possível cultivar e manter uma identidade privada e, simultaneamente, interagirmos o tempo todo, sem sermos anulados pelas identidades dos grupos com os quais compartilhamos as informações.

Esboçamos abaixo um exemplo que permitiria algumas reflexões sobre a questão, do ponto de vista da família e da socialização primária.

Imaginemos um quadro que se repete anualmente: a família reunida para o *Reveillon* – momento ritualizado de confraternização, ligado ao mito ancestral do eterno retorno. Na sala, uma televisão ligada re/e/dita o “modelo” ideal da cena a ser vivida, modelo este, aliás, já redundantemente presente nas mídias, ano após ano, desde o final de outubro, pelo menos.

As revistas de moda já ensinaram como nos vestir e que cores usar neste ritual, as outras mídias já nos ensinaram como nos comportar, a tradição social e a religião já forneceram “sub-modelos” específicos, adequados a cada unidade familiar.

Lá fora, fogos de artifício (reais) travam uma disputa com as luzes e sons da TV e outros aparelhos, enquanto, mecanicamente, quase robotizados por anos e anos de “tradição”, todos os membros da família aproximam-se (fisicamente)

para a contagem regressiva e tudo o mais que convencionalmente se segue.

Estariam todos ali? Um observador mais arguto perceberia a “semi-presença” dos adolescentes (principalmente, mas não apenas deles). Isso porque, enquanto eles encenam a participação no ritual familiar, seus sentidos estão, na verdade, conectados ao mundo virtual. Conversam, graças às tecnologias móveis, com muitos amigos, estando simultaneamente ligados aos seus *iPods*. Comunicam-se efetivamente, em tempo real – alguns oralmente, outros mais discretos, através de mensagens nos celulares. Dos inúmeros “amigos” ausentes, alguns são reais e muitos apenas contactados no mundo virtual – mas que são “íntimos”, porque muitas mensagens, fotos e vídeos foram trocados entre eles.

É claro que exageramos nos contornos, mas a cena é típica da contemporaneidade. Da perspectiva da comunicação, tudo parece perfeito, mesmo porque as categorias teóricas fechadas não dão conta das inúmeras formas de mobilidade que reconfiguram as interações familiares e sociais.

No entanto, concordamos com Lemos, para quem, na esteira de Giddens, o conceito de “desencaixe” propicia a vivência de processos globais não enraizados na nossa tradição cultural. “As mídias eletrônicas criam assim processos desterritorializantes em níveis político, econômico, social, cultural e subjetivo.” (LE MOS, 2006, p. 279).

A questão que nos vem à mente é: “Até que ponto este mundo novo, hipersemiotizado, é admirável?” Inegavelmente extraordinário, hiper-real, fantástico - dentre outros epítetos com os quais se costuma contemplá-lo - o mundo hodierno estaria num patamar tecnológico

privilegiado. A questão não é nova. As últimas décadas do século XX são pródigas em reflexões sobre o fenômeno, tanto do ponto de vista de suas *benesses*, quanto da perspectiva fatalista.

Batendo na mesma tecla, mas almejando poder tecer algumas considerações pertinentes sobre o tema, vamos em frente, pensando se as *smart* ou as *nano* tecnologias estariam atendendo à sensibilidade humana, ou se nossa sensibilidade estaria sendo remodelada e “com/formada” pelas mídias. Tocamos aqui na já exaustivamente debatida questão da humanização das tecnologias e seus reflexos no cotidiano das pessoas. Isso nos permite voltar à cena do *Reveillon* em família, que um olhar crítico chamaria de um oxímoro dialético, habilitando-nos a realizar algumas inferências:

Poder-se-ia falar de incomunicabilidade? A ausência de diálogo - que ontem era causada por uma impossibilidade, em tempo real - hoje é substituída por um excesso de diálogos virtuais e suas infinitas possibilidades, também em tempo real. Temos, mais que um paradoxo, um oxímoro, porque estas possibilidades resultam num adiamento infinito da presença. Nessa ausência de um diálogo no tempo-espaço real da família, tudo que era antes: olho no olho, mão na mão, presença efetiva - redundam em olhos na tela, mãos nos aparelhos, presença virtual. Tratar-se-ia de “hiper-comunicabilidade”? Novamente nos deparamos com o adiamento infinito da presença. Os fluxos, não apenas nas redes, mas também nas tecnologias móveis, virtualizam - no sentido etimológico do termo - os processos comunicacionais, uma vez que

as relações interpessoais são mediatizadas. Diríamos que a infinidade de possibilidades comunicativas tange os limites da entropia dos sistemas de comunicação, ou seja, o qualis é substituído pelo quantun, mas o excesso acaba comunicando menos.

Isolamento, solidão? Como um ermitão cibernético, o ser humano isola-se em sua ilha virtual, com as janelas (windows) permanentemente abertas para o mundo e fechadas para a convivência efetiva e afetiva. Por exemplo, pelo fenômeno do podcasting, um avanço considerável, os jovens afastam-se, em suas ilhas sonoras particulares, porém paradoxalmente, interagem e compartilham o tempo todo, no universo MP3, MP 4, etc.

Conflitos identitários: do espaço dos lugares aos espaços dos fluxos atuais

Certamente, há mais de uma década, o sentido das práticas interacionais sociais engendradas pelos meios de comunicação parece emergir do confronto com a fragilidade evanescente e os limites dos materiais usados; o que leva à valorização daquilo que está além do visível ou da memória corporal externa, na tentativa de traduzir um turbilhão de situações internas mal assimiladas. Do ponto de vista estético, por exemplo, a hibridação de meios, códigos e linguagens amplia-se a cada novo veículo criado, enfatizando ainda mais os conceitos ligados à evanescência e à desmaterialização da arte. (Tema da 23ª Bienal de São Paulo: “A desmaterialização da Arte no Fim do Milênio”, em 1996).

Diríamos que a comunicação e a arte atuais nutrem-se de mídias diversificadas para afirmar sua

existência, o que vem validar a investigação e a análise das representações por elas veiculadas, com vistas ao entendimento de alguns aspectos da cultura de nosso tempo e de suas múltiplas identidades. Nesse sentido, para melhor entender as mídias como configuradoras dos sentidos e das interações comunicacionais no cenário cultural contemporâneo, vale lembrar os conflitos identitários que começaram a surgir, no início do século passado, com os movimentos da antiarte. A partir de então, as experiências estéticas exploram as abstrações e acabam desaguando na chamada “arte conceitual”. Nela, a personalidade individual procura ultrapassar a lógica, frente ao absurdo da situação no mundo – tudo dilui-se e foge, sendo que a obra passa a ser encarada como coisa à parte dos sentimentos ou da individualidade. O fenômeno tem indiscutíveis reflexos nas interações simbólicas mediados.

Diante deste cenário, os estudos contemporâneos procuram sintonizar-se com a viabilização de uma nova territorialidade de saberes, das comunicações e das produções estéticas, com seu conseqüente redirecionamento das expectativas. Acredita-se que a palavra e outros sistemas sógnicos tornaram-se centrais em nossa cultura hiper-semiotizada, em decorrência da incontestável dependência, por parte das redes de comunicação, dos fatores tecnológicos, que alimentam e instrumentalizam a globalização.

Como acontece em outras áreas epistemológicas, destacam-se pesquisas ligadas à idéia de que o discurso passa a objeto central de estudos da Comunicação, por força das articulações de linguagens que subsidiam as produções midiáticas. Assim é que a natureza constitutiva das trocas simbólicas contempo-

râneas tem enfatizado a chamada “virada discursiva” nas Ciências Humanas e Sociais. Nesse caso, cumpre aos estudiosos enfatizar que não existe leitura neutra ou inocente, porque os fatos, como construções do discurso, ou seja, como textos, precisam ser interpretados e contextualizados.

As textualidades contemporâneas, por sua vez, desenvolvem-se através de estratégias calcadas no hibridismo, na inversão e na subversão, sendo que retomam, periodicamente, o tema dos conflitos étnicos e culturais. Como as trocas intersígnicas intensificam-se e modificam-se em função dos meios cada vez mais refinados, as produções midiáticas atuais são impactantes no que tange à organização da vida cotidiana e das interações sociais, o que significa que, nelas, anacronias, discronias e sincronias subvertem o tempo cronológico, deslocando as barreiras da temporalidade, num contínuo *devir*. O corolário são novos modos de inserção espaço-temporal, que redimensionam continuamente as relações do homem com o mundo, vindo a redefinir as noções de natural, artificial, real, ficcional e virtual, entre outras. Assim é que processos e meios de comunicação adquirem uma espécie de evanescência, por força desses eventos cronotópicos que tornam o espaço e o tempo voláteis.

Sob a forte influência da mídia, em sua acepção mais ampla, incorporando-se ao cotidiano dos indivíduos, manipulando-os e impondo seus valores, tanto no terreno da razão, quanto em termos da pura percepção, as pessoas estariam adquirindo uma identidade fugidia.

Segundo Lúcia Santaella, a invasão de imagens triviais na vida das pessoas seria “inofensiva, mas,

ao mesmo tempo, onipresente, paradoxalmente onipotente e sem importância.” (SANTAELLA, 2006, p. 200). Poderíamos indagar se toda esta volatilidade e conseqüente ubiqüidade não estariam exacerbando aquilo que Paul Virilio (1980) viu de negativo no que chama de “Era Paradoxal”, caracterizada pela representação na virtualidade. Para Virilio, no decorrer das eras, a humanidade passa da eternidade à instantaneidade, tudo se reduz ao tempo; e assim, a imagem tecnicamente perfeita de nossa era, ao atingir alta definição, torna-se aparentemente capaz de substituir o real.

Para inúmeros pensadores, é neste cenário que o universo desmaterializa-se. Mundo, homem e arte em crise convertem-se em signos impalpáveis, em meros simulacros que suscitam um sentimento de incompletude do processo civilizatório. Na civilização do simulacro, para alguns pensadores, como Jean Baudrillard (1997), substitui-se a vida pelas imagens virtuais, apagam-se as diferenças entre o real e o imaginário. O autor fala em simulacros e simulações, definindo a “semiurgia” como a produção de signos liderada pela hiper-realidade, domínio e fascínio de imagens e espetáculos. Para o pensador francês, devido à sociedade tecnocrática e ao poder dominador dos meios de comunicação, a vida humana acaba se tornando uma realidade virtual: eliminam-se críticas e esgotam-se os significados, desligados dos referentes reais.

Acreditamos que, se por um lado, a interatividade viabilizada pela aliança entre telecomunicações e informática permite a integração de elementos que antes se encontravam separados, o que realmente marca positivamente as práticas sociais e a

vida das pessoas; por outro, todo lugar fixo da memória geográfica e cultural é substituído pela mobilidade, o que pode redundar em distúrbios na percepção das distâncias e na definição de um juízo de valor. Existe uma ligação tão exacerbada entre as partes envolvidas nos processos midiáticos, que a representação das diferenças transmitidas por elas chega a ser inibida.

O homem, representado pela máquina, torna-se um elemento virtual deste sistema. Observem-se, como exemplos, as “conversas” ou as “amizades” mantidas exclusivamente no âmbito das redes. Tudo é simulado de modo a fornecer uma ilusão de relações interpessoais nas comunidades virtuais. Trata-se de um adiamento infinito da presença física; e até mesmo os adultos acabam se rendendo, pois a urgência da *urbe* contemporânea assim o exige. Antes, falávamos ao telefone com os amigos, hoje trocamos *e-mails*, pois é mais rápido e prático. A ilusão da imediatividade está no cerne do que significa ser atual, mas na verdade, leva o homem a abdicar da experiência de seu próprio presente: tudo é transitório e fugaz. O medo de não conseguir captar o fluxo hiperbólico das demandas tecnológicas e comunicacionais, onde “tudo passa o tempo todo”, vai imprimir uma aguda consciência temporal ao homem contemporâneo e marcar indelevelmente nossas formas de comunicação e expressão.

Sabemos que as formas simbólicas, das quais a ideologia das mídias se apropria (discursos, imagens, iconografias), subordinam-se a representações ideológicas de sexualidade, raça, classe, massificando-as em termos de uma pseudo-construção de um estilo de vida, da elaboração de pensamentos e de ações sócio-políticas, além de imporem seus valores e regras.

Nesse contexto, onde fica o senso de individualidade? Indo mais longe, onde fica a identidade étnica, ética ou até mesmo estética, de uma comunicação globalizada e manipulada? Esquecemos, por exemplo, o direito de ter acesso a uma informação confiável, a necessidade de contar com notícias autênticas, seguras e verificáveis, diante do excesso de dados que circulam pela *web* e outras mídias.

Podemos observar portanto, que, conflitos identitários debatem-se entre aparência e essência, por força de uma certa “mistificação” ou de uma “mitificação” da realidade virtual, da inteligência artificial, da robótica, entre outros; o que afeta as produções culturais em geral. Além disso, como resultante da confluência de todas as linguagens e das mídias, o imaginário é redimensionado num espaço-tempo, que podemos relacionar à “tela total” de que fala Baudrillard:

Vídeo, tela interativa, multimídia, Internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda parte. Por tudo, mistura-se o que era separado; por tudo, a distância é abolida [...] (BAUDRILLARD, 2005, p. 129).

As palavras do pensador francês refletem o entendimento de parcela significativa da intelectualidade de que os processos de descentramento e ruptura das identidades pessoais e coletivas foram acompanhados, no final do século XX, pela desterritorialização ou pela desagregação das antigas comunidades em direção à universalização da sociedade de massas.

Para melhor entender a questão, julgamos oportuno voltar no tempo, lembrando Bermam (1982), que acredita que, graças à modernidade, a identidade torna-se cada vez mais

móvel, múltipla, pessoal, reflexiva e, portanto, sujeita à mudanças e inovações. O homem torna-se consciente do seu papel e da construção contínua do próprio lugar no mundo, trabalhando de forma crítica e criativa para a elaboração de um processo comunicativo, no qual a identidade alcançaria o seu mais pleno desenvolvimento. Porém, é no seio desse vórtice de incertezas e perplexidades que se transforma a sensibilidade humana. Bermam apresenta a situação em que se encontra este homem ilhado, ao afirmar que as massas não têm ego, suas almas são carentes de tensão interior e dinamismo; suas idéias, suas necessidades, e, até mesmo, seus dramas não são individuais.

Diríamos que tal conflito persiste, ainda mais porque o modo como o Ocidente vinha concebendo sua identidade tem sido desafiado pelo conceito de multiculturalismo e pelos efeitos da globalização. O que está em jogo, agora, é a problematização da cultura em si – incluídas aí as manifestações midiáticas e artísticas - o que se cruza, inevitavelmente, com as questões ligadas à comunicação e ao poder político global. Nossas atividades não repousam sobre uma base racional, não existe um centro fixo e os conflitos identitários avultam em nossa época. Existe, sim, uma pluralidade de culturas e “narrativas” impossíveis de serem hierarquizadas e invioláveis em sua diversidade.

A retórica dos discursos midiáticos e as performances contingenciais

Em decorrência de novas possibilidades de expansão viabilizadas pelas mudanças tecnológicas, as mídias se fundem em arquiteturas que se reproduzem para constituir grupos de comunicação de dimensões mundiais. Empresas

gigantes como a *Time Warner*, por exemplo (revistas, canais de televisão, cinema, *games* e produtos consumíveis agregados) vão fazer com que uma nova relação seja estabelecida entre informação e comunicação. Todos os discursos das empresas midiáticas - da informação, da publicidade, da cultura de massa - passam a ter as mesmas características retóricas, em busca da síntese, da rapidez, do imediatismo ou até de certo infantilismo. Perde-se a essência dos fatos e fica-se apenas com um acúmulo de impressões, mescladas a elementos de espetacularização.

As habilidades decorrentes da utilização das ferramentas passam a signos de poder e de *status*. Aquilo que possibilitaria a inserção do sujeito numa esfera privilegiada de conhecimento, além de apontar para o redimensionamento do espírito investigativo e da imaginação criadora, acaba por constituir-se numa celebração/ostentação da trivialidade, da irrelevância e da imponderabilidade.

Lúcia Santaella trata exemplarmente do tema, em seu artigo do livro *IMAGEM (IR) REALIDADE* mais especificamente quando fala das “imagens voláteis: ubíquas, nômades, triviais”, contrapondo as fotografias tradicionais - próprias dos momentos significativos da vida, de comemorações ou eventos a serem rememorado - às imagens voláteis - que se destinam a registrar qualquer momento, por mais insignificante que seja.

Enquanto os tradicionais instantâneos fotográficos eram frutos de escolhas, até certo ponto refletidas sobre o enquadramento, o ponto de vista, a proximidade ou distância em relação ao objeto ou situação, as imagens voláteis são instantâneos capturados

ao sabor de circunstâncias imponderáveis, sem premeditação, sem preocupações com a relevância do instante ou com a qualidade do resultado. Fotos digitais podem ser apagadas sem ônus e imediata e indefinidamente repostas por outras.[...] todo o visível se tornou reproduzível. Além de reproduzível, portátil. Além de portátil, fluido. (SANTAELLA, 2006, p.199-200).

Consideramos que tais assertivas podem ser expandidas a outras esferas dos sistemas de representação, o que explicaria porque, em nossa época, as identidades (compreendidas como heterogêneas, híbridas e múltiplas) podem ser vistas como performances contingenciais, que abrigam incertezas, indagações e questionamentos cotidianos do homem.

Uma vez que as produções midiáticas são entendidas como fenômenos de linguagem e/ou articulação de linguagens, faz-se mister assinalar que, como território dialógico, polifônico e polissêmico, a linguagem é um sistema signico ou conjunto significante, capaz de articular-se ao mundo apreensível, quer como faculdade humana, quer como função social, quer como meio de comunicação ou de expressão, entre outros.

No contexto das teorias pós-colonialistas, por exemplo, podemos entender as práticas discursivas contemporâneas como decorrência de um processo psíquico da construção da identidade, ligado ao drama do pertencimento. Poderíamos dizer que, ao passarem pela dialética da alteridade, as ambigüidades de construção de identidade abrem fendas no discurso, pois, segundo Homi Bhabha (1986), o espaço da identificação é um espaço fendido,

por estar imbricado na tensão da “economia do desejo”, o que remete à impossibilidade da afirmação de uma identidade absoluta e pré-existente. Este sujeito, sempre em relação diferencial com o Outro, é marcado pela duplicidade, o que lhe confere um certo “ar de incerteza”, de um corpo sob a ameaça constante do ser “desmembrado”, como afirma o autor:

Assim, em termos psíquicos, a identidade nunca existe a-priori, nunca é um produto acabado; sempre é apenas o processo problemático de acesso a uma imagem de totalidade.[...] O acesso à imagem da identidade só é possível através da negação de um senso de originalidade ou plenitude, através do princípio do deslocamento e diferenciação (ausência/presença; representação/repetição) que sempre a torna uma realidade ambígua. A imagem é, ao mesmo tempo, uma substituição metafórica, uma ilusão de presença e, por isso mesmo uma metonímia, signo da ausência e perda da presença. (BHABHA, 1998, p. 63).

Diante do acima expresso, pensamos que qualquer indagação sobre a identidade cultural ou estética de nossa época, ou sobre sua desconstrução, deve considerar que, analogamente às crises da representação do final dos dois últimos séculos, as manifestações artísticas hodiernas vivem uma crise inigualável diante da chamada terceira revolução tecnológica. Assim também, esta época incrivelmente informatizada já sinaliza que a revolução nas comunicações será tão radical, que só agora começamos a imaginá-la.

Entendemos que, se por um lado, as tecnologias mais recentes nos

permitem um razoável grau de independência psicológica, pois nos proporcionam um ambiente inédito de associações que estão permanentemente disponíveis; por outro, a questão central é como podemos ter acesso a enormes quantidades de recombinações potenciais de informações e sermos capazes de processá-las adequadamente. E mais ainda, como fazê-lo sem perder a consciência de que devemos cultivar e manter uma identidade privada e, ao mesmo tempo, compartilhar informações, sem sermos eliminados pela identidade do grupo?

Parece que se tornou impossível responder a todos os estímulos com igual intensidade, o que nos faz perceber o mundo e as coisas do mundo quantitativamente, em detrimento da qualidade da percepção. Somos bombardeados, a cada segundo, com uma vertiginosa multiplicidade de informações que solicitam o empenho de todos os nossos sentidos.

Se chegou a existir um otimismo diante da era da máquina, o que permitiu às mídias e aos artistas desenvolverem um novo tipo de percepção e uma liberdade criativa; no entanto, não se conseguiu humanizar a tecnologia. Em que pesem suas infinitas potencialidades, os avanços tecnológicos, no decorrer do século XX, foram sendo ciclicamente expostos ao risco de crises degenerativas. Tais crises, por sua vez, podem ser detectadas no modo como as identidades contemporâneas redimensionam os modelos de subjetividade, por exemplo, em virtude da Internet como um exercício cotidiano de simulações identitárias - nos *blogs*, *chats* e no *Orkut* ou na *Second Life*, entre tantos outros.

O mesmo resultado pode ser identificado no que tange às trocas

simbólicas viabilizadas pela globalização que produz um “supermercado” mundial de imagens, linguagens e estilos transterritoriais e multilinguísticos. Desta mudança nos processos de subjetivação vai eclodir o fenômeno das identidades sem lugar fixo e temporalmente desvinculadas ou desorientadas, como explica Stuart Hall:

[...] quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. (HALL, 2002, p. 75).

Se o sujeito, antes, pensava ter uma identidade unificada e estável, nas últimas décadas, ele está se tornando cada vez mais fragmentado, o que parece significar a lenta desintegração da cidadania, porque, na cultura da transitoriedade, da fugacidade e da virtualidade, o indivíduo tem sua subjetividade maculada por uma sensação de desalento, de perdas sucessivas. A este respeito, o pensamento de Bauman, já no final do século passado, é radical:

O aspecto novo, caracteristicamente pós-moderno e possivelmente inaudito, da diversidade dos nossos dias é a fraca, lenta e ineficiente institucionalização das diferenças e sua resultante intangibilidade, maleabilidade e curto período de vida. Se desde a época do ‘desencaixe’ e ao longo da era moderna, dos ‘projetos de vida’, o ‘problema da identidade’ era a questão de como construir a própria

identidade (...) – atualmente, o problema da identidade resulta principalmente da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para outra, se for preciso. (BAUMAN, 1998, p. 155).

Trata-se de uma visão bastante pessimista, mas que toca especificamente na gênese dos conflitos identitários da contemporaneidade, uma vez que as interações sociais são regidas pelo presenteísmo e pela efemeridade, o que faz com que o sujeito fragmentado apresente-se como *persona* (etimologicamente máscara), numa espécie de *theatrum mundi* das identidades fugazes e intangíveis.

Considerações finais

À guisa de conclusão, enfatizamos que o viés, de certa forma “apocalíptico”, adotado em nossas reflexões sobre o papel das mídias na interação social e na produção de sentidos, procura focalizar as implicações dos conceitos de evanescência, imaterialidade, fluxos ou desterritorialização, em práticas discursivas contemporâneas, sob o ponto de vista teórico-crítico. De modo algum, pretendemos endossar tais visões negativas do processo, apenas sentimos necessidade de refletir sobre o que elas nos expõem. Gostaríamos contudo, de apontar, como algo prioritário, a tentativa de neutralização do brutal confronto entre setor privado e serviços públicos, entre mercado e Estado, entre o indivíduo e a sociedade;

confronto esse que tem se tornado cada vez mais ostensivo na atual fase da globalização, além de imprimir cores mais acentuadas aos conflitos identitários na cibercultura.

Diante da ultrapassagem dos limites geográficos e temporais, na ubiquidade das mensagens em seus processos de des(re)territorialização; bem como diante da crise de credibilidade na mídia, é importante que tanto os indivíduos quanto os discursos midiáticos redimensionem sua vigilância epistêmica, ou seja, que questionem a veracidade e a relevância dos conteúdos, bem como de seus efetivos significados culturais. Tal postura, certamente, interferirá, tanto no âmbito do inteligível, quanto no do sensível, nas relações homem-mundo mediadas pelo universo maquínico; assim como refletir-se-á na forma como as interações simbólicas continuarão sendo continuamente reconfiguradas pelo impacto das mídias.

Abstract

This essay focuses the abolition of the conventional space-time, in order of simultaneity, relating to the influence of new mobility technologies. It seeks what ways does they affect an individual's sense of self in relation to others, transforming feelings of belonging and cultural identities. This article also aims at investigating how do these new patterns of communication modify contemporary media, as well social and familiar relations.

Keywords: mobility, patterns of communication, space-time, identity, conflicts.

Referência

BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERMAM, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1982.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: _____. *Imagem visibilidade e cultura midiática. Livro da XV COMPÓS*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

CONNOR, STEVEN. *Cultura pós-moderna*. São Paulo: Ed Loyola, 1996.

DERRIDA, Jacques. *La voix et le phénomène*. Paris : Presses Univ. de France. 1967.

DOMINGUES, Diana. (Org.) *A arte no século XXI - a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

GUIMARÃES, Denise. Org. *História da Literatura: Pré e pós-modernidade*. Curitiba: Associação Cultural Avelino Vieira, 1995.

_____. *O papel mediador da atividade poética entre a arte e a tecnologia*. In: ENCONTRO NACIONAL ANPOLL, 14., 1998, Campinas, SP. ANAIS DO XIV ENCONTRO NACIONAL ANPOLL. Campinas: SP, 1998.

- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.
- LEMOS, André. *Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterrite-riolização na Cibercultura. Livro da XV COMPÓS, Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 277- 293.*
- LÉVY, Pierre. *A máquina Universo: Criação, Cognição e Cultura informática*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: O desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. *A Galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PARENTE, André. Org. *Imagem-máquina. A era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- REY, Fernando Gonzalez. *Sujeito e subjetividade*. São Paulo: Thomson, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. Por uma epistemologia das imagens tecnológicas. In: ARAUJO, Denize Correa. Org. *Imagem (Tr)Realidade. Comunicação e Cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 173-201.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- VIRÍLIO, Paul. *L'Esthétique de la Disparition*. Paris: Galilée, 1980.

Data do recebimento: 15/05/2008

Data do aceite: 02/06/2008